

INTRODUÇÃO

Mediação chega ao número três com a propósito de se tornar semestral. Isso significa que um quarto número sairá no final do segundo semestre. Deverá este se beneficiar de mais duas fontes importantes de contribuições: extratos das melhores monografias de graduação dos alunos do 8º período das duas habilitações – jornalismo e publicidade e propaganda –, que após a reformulação da disciplina “Projetos Experimentais” ganharam em consistência formal e teórica; e artigos de além-mar, produto do convênio que a Faculdade de Ciências Humanas do Centro Universitário FUMEC assinou em junho com a Escola Superior de Tecnologia de Abrantes (ESTA) do Instituto Politécnico de Tomar (IPT), em Portugal. O acordo viabiliza o intercâmbio entre os cursos de comunicação das duas instituições para fins acadêmicos e culturais. Nesta edição já contribuem de lá os professores Carlos Santos Pereira e José Manuel Valentim Peixe, o que é para nós motivo de muita satisfação.

É justamente de Pereira um dos três artigos, os quais, conjuntamente, inspiram a capa de *Mediação* – esta de criação dos monitores dos laboratórios da Redação Modelo e de Fotografia. Os textos analisam, do ponto de vista da cobertura da mídia, a invasão do Iraque pela coalizão anglo-americana em março e abril últimos. Ainda que o assunto já não esteja mais no topo da agenda, pois os lances “sensacionais” da arremetida militar glamourizada foram substituídos por escaramuças entre as forças de ocupação e milícias iraquianas, as análises reunidas aqui são importantes para estudantes, pesquisadores e quem se interessa pela Comunicação Social, em virtude dos enquadramentos propostos pelos autores.

Duboc, editor de Internacional de O Tempo, analisa a cobertura do ponto de vista da edição feita no jornal mineiro. Mostra como o chamado newsmaking ganha corpo a partir da criação de uma editoria de emergência, dentro da qual gatekeepers se debruçam sobre uma grande quantidade de material, proveniente de fontes diversas, com credibilidades várias, para produzir sentido a partir de uma combinação racional de textos, fotos e infográficos.

A seu turno, Pereira, especializado em jornalismo de cobertura de guerra, sonda as implicações do primeiro conflito, em escala global, totalmente planejado e anunciado. Com data, local e hora para começar – recurso de extremo valor para os meios de comunicação de massa e sua necessidade de racionalizar custos –, o pesquisador português reflete sobre a autonomia jornalística em face do aprofundamento de um velho problema: a informação como propaganda, vale dizer arma, numa guerra.

Ele passa em revista questões como a dos jornalistas encaixados (*embedded*), com entradas ao vivo nas grades de programação de TV, circunscritos à própria subjetividade, produzindo relatos fragmentados, sem edição, isolados do contexto, influenciados pelos militares, “companheiros de viagem” com os quais é difícil deixar de estabelecer algum grau de simpatia; a do “efeito CNN” – capacidade da mídia do primeiro mundo de agendar a audiência –; a do papel no conflito que tiveram *Fox* e *Al Jazira* na manufatura do consenso.

Com “Jornalismo em Agonia”, Leal encima a reflexão sobre o conflito. Lastreado pela Teoria Crítica, inspirado no Adorno de “Educação após Auschwitz”, balizado pelo propósito de formar comunicadores sociais críticos (imperativo do Projeto Pedagógico do curso), o jornalista nos provoca a pensar sobre o estatuto de verdade na mídia contemporânea. Vale a pena uma curta citação:

Para desgosto dos cultivadores da boa palavra, já não possui chão a asserção segundo a qual ‘a primeira vítima da guerra é a verdade’. A verdade simplesmente não está mais em jogo nas guerras. A verdade não está mais em jogo. A verdade deixou de ter relevância. (...) O jornalismo perde a razão de ser. O que sobra? A espetacularização do fato. (pág. 53)

Obviamente, a discussão levantada pelo artigo não se encerra no diagnóstico sombrio. O autor se esforça em ser pedagógico. Ao alvejar as práticas jornalísticas reificadoras – as quais ficaram explícitas no tratamento que a mídia deu, com as exceções de praxe, à invasão do Iraque por forças imperialistas – busca talvez lembrar o potencial emancipador que resta ao pé de cada indagação crítica.

Mas *Mediação* traz ainda outros assuntos. Ana Paola Valente e Luiz Henrique Barbosa tratam, respectivamente, da questão do texto e da intertextualidade. Valente envereda pela discussão do papel da palavra na criação do sentido, enquanto Barbosa procura mostrar co-

mo o jornalismo tem na charge um espaço de polifonia, no qual discursos oposicionistas convivem com o olhar hegemônico.

Três ensaios têm como foco a resenha de temas que atendem a carências de sala de aula. Lamounier aponta aspectos metodológicos da pesquisa em comunicação a partir de uma análise do livro de Fausto Neto, *Comunicação e Mídia Impressa – Estudo sobre a Aids*, da editora Hacker (1999). Rodrigues faz um recenseamento dos estudos de audiência e recepção, tendo como fio condutor o livro de Denis McQuail *Audience Analysis: Mass Media – Audiences*, da Sage (1997). Soares pretende “transmitir de forma sucinta a idéia da relação do poder e da comunicação a partir da contextualização da comunicação inserida dentro do processo de evolução da humanidade”.

Renault e Peixe proporcionam aos leitores duas visões das complexas relações entre mídia e poder. A primeira analisa o papel da TV pública no incentivo à participação política do eleitor. Trata-se de um extrato de sua dissertação de mestrado recentemente aprovada na Comunicação da UFMG. Peixe, o outro colaborador da ESTA nesta edição, indaga sobre o lugar dos códigos de ética profissionais na era da invasão de privacidade alavancada pelos *reality shows*. *Mediação* publica os códigos de ética de jornalistas brasileiros e portugueses para possibilitar aos estudiosos dos dois lados do Atlântico uma comparação entre as normas profissionais.

Eis *Mediação*. Que seja útil ao aperfeiçoamento de nossa prática.

Belo Horizonte, junho de 2003.

Alexandre Freire
Editor